

ESPÍRITO SANTO, Ruy César. **Pedagogia da transgressão**. Um caminho para o auto conhecimento. Campinas: Papirus, 1996. Coleção Práxis. 120 p.

Doutorando em Filosofia da Educação pela UNICAMP, Ruy César do Espírito Santo publica sua terceira obra, **Pedagogia da transgressão**, como uma proposta pedagógica que procura transgredir o espaço racional da escola, proposta essa embasada não só em suas reflexões teóricas, como principalmente em suas experiências pedagógicas no magistério em escolas paulistas, públicas e particulares, no primeiro, segundo e terceiro graus, durante mais de vinte anos.

O autor desenvolve o assunto em nove capítulos, após uma introdução, na qual explicita sua “busca de um novo paradigma em educação” (p. 9).

O primeiro capítulo, “Transgressão de espaço”, denuncia o confinamento da sala de aula e a definição puramente racional do espaço, com filas de cadeiras geometricamente dispostas” (p. 15), que impedem uma integração maior, bem como a comunicação mais eficiente entre professor e aluno.

O segundo capítulo, “Transgressão da barreira emocional”, busca a superação da imaturidade emocional, fruto da supervalorização da razão frente à emoção, quando se sabe que “a conscientização da dimensão emotiva é que permite e enseja as transformações no comportamento do aluno” (p. 34).

O terceiro capítulo, “Transgressão da comunicação”, valoriza formas usuais mais amplas de expressão, que foram redimidas pelo paradigma cartesiano, responsável por “bloqueios de comunicação, que impediram a expressão criadora de uma imensa gama de artistas/prisioneiros dessas barreiras de expressão” (p. 41).

O quarto capítulo, “Transgressão do corpo físico”, opõe-se à visão racionalista do corpo, que “delimita o campo da tradicional educação física a movimentos metódicos, ritmados e alienantes, a um redimensionamento da área, visando escapar dos padrões rígidos propostos e impostos” (p. 43-44).

O quinto capítulo, “Transgressão da ordem institucional”, propõe a transgressão dos conteúdos padronizados (currículos impostos), a transgressão à didática tecnicista (desvalorização e exclusão das disciplinas humanas), e a transgressão de uma prática não comprometida (impotência do educador diante de obstáculos materiais, legais e humanos), para que “a escola tenha liberdade para trabalhar os valores próprios do ser humano” (p. 49).

O sexto capítulo, “Transgressão de um universo estático”, aborda uma das mais relevantes transgressões: “trata-se da aceitação de um universo em permanente transformação, o que também ocorre na área educacional e no ser humano global” (p. 64), o que deve levar a perceber as mudanças que vão acontecendo pela passagem dos anos, “pois, se o educador não toma consciência das transformações, como irá transformar os seus educandos?” (p. 67).

O sétimo capítulo, “Transgressão de um saber disciplinar”, decorre da consciência da ausência de um universo compartimentalizado: a fragmentação do saber é conseqüência da fragmentação do pensamento; eis por que a interdisciplinaridade é necessária para “derrubar os muros disciplinares do saber” (p. 70).

O oitavo capítulo, “Transgressão da avaliação formal”, critica a avaliação realizada pelas “escolas tradicionais, onde o rendimento de cada aluno em cada matéria é quantificado e comparado com um IDEAL que NÃO existe na prática” (p. 75), quando é preciso que “a avaliação e a disciplina não transformem a escola numa atividade aversiva ao aluno” (p. 77).

O nono capítulo, “Transgressão do corpo espiritual”, afirma que “se nos falta profunda integração do pensamento e do sentimento, nossas vidas são incompletas e contraditórias, pois, como ensina KRISHNAMURTI, o homem que sabe dividir o átomo, mas não tem amor no coração, transforma-se num monstro” (p. 81).

Na conclusão, que diz ser um início, propõe com esperança “a abertura de um caminho para a busca de um novo paradigma em educação” (p. 89), que “desvele a realidade ampla do universo” (p. 90), onde o “educando chegue à idade adulta sem perder o sentido lúdico da vida e o “prazer de aprender e criar” (p. 91).

Após a bibliografia, o autor faz encartar na obra três apêndices: dois com textos utilizados em aulas (excertos de Nikos Kazantzakis e Jorge Luís Borges e do Programa de Meio Ambiente da ONU). Contudo, é o apêndice n. 1 o mais relevante, pois enumera a **questão das transformações**, que são as mudanças nas relações homem/mulher, na área da saúde, questão do meio ambiente, da alimentação, do afeto, das drogas, do lazer e dos meios de comunicação, da educação formal propriamente dita, do trabalho/produção, do uso da propriedade, da religião, da segurança e medos, da cultura, da política, da justiça e da igualdade, todas imprescindíveis para o autoconhecimento.

Todo o pensamento do autor exposto na presente obra, que aborda todos os aspectos da transgressão, constituindo-a numa pedagogia transgressional, fundadora de um novo paradigma em educação, pode ser condensado nos versos iniciais de Jorge Luís Borges em seu poemas **Instantes**: “...se eu pudesse viver novamente a minha vida, trataria de cometer mais erros, correria mais riscos...”

Maria Helena Grohmann G. R. de Paula
(Departamento de Educação)